

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Quando todas as salas da Espanha onde está em projeção, “A Bola Preta” (“La Bola Negra”), de Javier Ambrossi e Javier Calvo, dará a largada para a 28ª edição do Festival do Rio nesta quinta, no Odeon, demarcando um momento em que o cinema (o nacional e o estrangeiro) acolhe as mais febris lutas contra o avanço do conservadorismo e a intolerância. É um épico queer contra a homofobia.

A maratona cinefila carioca deste ano vai receber um artesão nesse papo, o iraniano Asghar Farhadi, ganhador de dois Oscars de Melhor Filme Estrangeiro (por “A Separação” e “O Apartamento”), cujo cinema celebra sempre a liberdade de sentimentos em instâncias de opressão. Nele, até a prática opressiva do amor vira metáfora para os silenciamentos estatais. Seu belíssimo drama filmado em francês “Contos Paralelos” (“Histoires Parallèles”) fará desfilar a nata europeia (Isabelle Huppert, Vincent Cassel, Pierre Niney) em nossas telas. Nele, debate-se o direito à privacidade, algo que nossa sociedade pode perder a depender de como os rumos das eleições deste domingo hão de se desenhar. Por isso, vale um esforço de correr para o circuito e ver o que mestres como Farhadi têm a dizer.

Sem contar que, a partir desta sexta, começa a seção nacional da micareta cinéfila, a Première Brasil, com a competição pelo troféu Redentor.

O circuito deste Festival do Rio inclui Cine Odeon, Estação Claro Gávea, Estação Claro Rio, Cinesystem Belas Artes, Centro Cultural FGV, Cine Santa Teresa, CineCarioca José Wilker, Kinoplex São Luiz, Reserva Cultural Niterói, Centro Cultural Justiça Federal (CCJF), CineCarioca Nova Brasília, CineCarioca Penha, Parque Realengo Susana Napolini e Areninha Cultural Renato Russo. O Correio da Manhã inventaria aqui algumas pepitas do garimpo de Ilda Santiago e Walkíria Barbosa, as curadoras desta festa audiovisual.

(2024) fez (com elenco internacional classe AA) do cult italiano “De Punhos Cerrados” (1965), de Marco Bellocchio. A fotografia da francesa Hélène Louvart é seu trunfo. O desempenho do dramaturgo e ator Tracy Letts como um patriarca cego assombra.

NO GOOD MEN, de Shahrbanoo Sadat (Afeganistão): Tiraram sarro da diretora artística de Berlim, Tricia Tuttle, logo que o anúncio desta produção para o posto de abre-alas do festival alemão foi divulgado, mas ela bateu bem e ficou no coração da plateia. Sua trama se passa em 2021, quando a protagonista, Naru (a própria cineasta), luta pela custódia do filho, de apenas três anos, Liam, que é fã de leões, sobretudo o “The Lion King” da Disney. Depois de deixar o marido infiel, ela se convenceu de que não existem homens bons no seu país. É pega de



A ilusão de uma noite sem fim



Tender Loving Care



In waves



Hangar Rojo

surpresa, em suas atuais convicções, quando o jornalista mais importante da Kabul TV, Qodrat (o ótimo Anwar Hashimi), oferece a ela uma oportunidade profissional de peso. À medida que os dois percorrem a cidade, sob o fogo dos Talibãs, Naru começa a questionar suas descrenças.

IN WAVES, de Phuong Mai Nguyen (França): De CEP francófono, mas com um coração vietnamita em seu peito (de sua diretora), esse drama com um pé no mar e outro na morte, abriu as alas da Croisette para a animação. Seu pavimento é uma HQ homônima do surfista e artista gráfico AJ Dungo, lançada no Brasil pela Nemo e baseada em uma perda pessoal dele. Um skatista se apaixona por uma surfista, na alvorada da adolescência de ambos, mas tomam “um caixote” do destino, na forma de um tumor.

O HANGAR VERMELHO (“El Hangar Rojo”), de Juan Pablo Sallato (Chile/Argentina): Com um orçamento de US\$ 700 mil e apenas 16 dias para dar conta da tarefa de recriar a América do Sul da década de 1970 na província de Mendoza, na Argentina, este thriller político não contou com o apoio do estado chileno. A marola de dificuldades não limitou seu talento ao rever a saga de um capitão da Força Aérea que enfrentou suas autoridades fardadas durante o golpe que tirou Salvador Allende do Poder, em 1973. É um estudo delicado sobre a psiquê dos militares que rechaçaram ditaduras.

TODOS OS AMANTES DA NOITE (“Subete mayonaka no koibitochi”), de Yukiko Sode (Japão): Um dos achados mais tocantes da mostra Un Certain Regard de Cannes. Em seu enredo, a revisora Fuyuko (papel

de Yukino Kishii) gosta de andar pelas ruas de sua cidade, ali por volta das 0h, cada vez que aniversaria. Um dia, ela tromba com o professor Mitsutsuka (Tadanobu Asano, estrela de “Mortal Kombat”) e passa a ter encontros regulares com ele, até que segredos se deixam notar.

HOPE – O PRIMEIRO IMPACTO (“Hope”), de Na Hong-jin (Coreia do Sul): Filme de monstro, esta joia, que parece uma mistura de John Carpenter (“O Enigma do Outro Mundo”) com “John Wick” foi a iguaria mais polêmica da competição pela Palma de Ouro de 2026. Ao fim de sua projeção, ouviu-se um “Vergonha!” e um “Bravo!” na mesma medida de decibéis. A direção do cineasta responsável por “O Lamento” (2016) e “O Caçador” (2008) esbanja retidão e invenção na forma como conta o jogo de gato e rato dos moradores de uma aldeia que descobrem o corpo esquartejado de uma vaca e, logo, percebem que só algo de outro mundo... e algo bem grande... poderia ter feito aquilo. É eletrizante a cada segundo.

SOUMSOUM, A NOITE DAS ESTRELAS (“Soumsoum, La Nuit des Astres”), de Mahamat-Saleh Haroun (Chade): O Rio vai conferir o novo trabalho de um mestre que fez o cinema chadiano brilhar em Cannes ao conquistar o Prêmio do Júri de 2010 com “Un Homme qui Crie” e voltou à competição francesa com “Grigris”, em 2013, e “Lingui”, em 2021. Em fevereiro deste ano, saiu da Berlinale com o Prêmio da Crítica, votado pela FIPRESCI, a Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica, por esta produção cheia de magia. Em sua audaciosa observação da convivência possível entre o mistério e o realismo neste mundo, o cineasta acompanha as angústias de uma jovem dotada de poderes sobrenaturais numa África intolerante.

CLUB KID, de Jordan Firstman (EUA): Imagine um promotor de festas queer, daquelas mais bombadas, com “almôndegas” humanas para todos os gostos, regadas a pó, descobrir que, de sua única transa com uma mulher, uma “rapidinha” num corredor de boate, nasceu um menino – e o guri é um fofo. A mãe suicidou-se. Caberá a ele, que leva uma rotina de excessos, cuidar do menino nesta trama que virou frisson no Festival de Cannes e repetiu a dose em San Sebastián. Jordan escreve, produz, dirige (numa estreia impecável) e atua bem pacas.

JIM QUEEN, de Marco Nguyen e Nicolas Athané (França): É duro não morrer de saudades do diretor e ator Jorge Fernando (1955-2019) e de seu trabalho na série “Macho Man” (2011) em frente a este desenho animado queer hilário. Na trama, uma doença nova, chamada heterosis, faz os gays do mundo agirem em modo hétero. Piadas com supositórios, que soariam homofóbicas, viram bem divertidas no roteiro, em especial quando um influencer ursão tenta se curar dessa moléstia.